

# **Orientações Pedagógicas**

**Literatura de informação e textos  
jesuíticos / relato de viagem  
e crônica**

**1º Ano | 1º Bimestre | 1º Ciclo**



## Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão e, com frequência, está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

### **O que ensinar?**

Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.

### **Por que ensinar?**

Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.

### **Condições prévias para aprender**

Apresenta conceitos e atividades consideradas pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.

## Como ensinar?

Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e *links* que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

## Como avaliar?

Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.

## O que ensinar?

### Leitura

- Diferenciar texto literário de não literário.
- Reconhecer as principais características dos gêneros literários básicos (lírico, épico e dramático).
- Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.
- Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.
- Identificar as diferenças estruturais e temáticas que distinguem crônica literária de crônica jornalística.

### Uso da Língua

- Identificar fenômenos de variação linguística.
- Identificar os processos de interlocução: texto e discurso.
- Identificar normas ortográficas (acentuação, hífen) a partir do Novo Acordo.
- Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem.
- Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

## Produção textual

- Produzir relatos de viagem.
- Produzir uma crônica a partir de notícia de jornal, editando-a, sob a orientação do professor, para publicação em jornal mural ou blog informativo produzido pela turma.

Adotando uma perspectiva historiográfica, sob a qual o estudo dos textos segue a ordem crescente de suas datas de produção/publicação, focaliza-se, neste 1º ciclo, a Literatura de Informação, uma vez que a *Carta de Achamento do Brasil*, um dos textos mais representativos desse tipo de manifestação literária, é considerada o primeiro escrito em terra brasileira. Paralelamente, privilegia-se, neste ciclo, o gênero não literário “relato de viagem” por sua proximidade temática e estrutural às produções da literatura de informação. Quanto às habilidades/competências a serem desenvolvidas neste bimestre, selecionaram-se aquelas (em negrito) que representam pré-requisitos para a ampliação de outras e que melhor se relacionam aos gêneros já apontados.

## Por que ensinar?



As diversas realizações – em tempos diferentes –, a função e o uso das linguagens permitem verificar suas especificidades e selecionar focos de análise. [...] Comparar os recursos expressivos intrínsecos a cada manifestação da linguagem e as razões das escolhas, sempre que isso for possível, permite aos alunos saber diferenciá-los e inter-relacioná-los. [...] O importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo em que elas estão inseridas, e perceba que as particularidades têm um sentido socialmente construído.<sup>1</sup>



<sup>1</sup> BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. p. 8.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) privilegiam a natureza social e interativa da linguagem, em contraposição ao ensino tradicional, a partir do qual se desenvolvia o estudo de conteúdos desarticulados de seu uso social. O processo de ensino-aprendizagem, por isso, passa a ter como propósito principal desenvolver habilidades que ampliem as possibilidades de exercício da cidadania.

De acordo com essa proposta, o ensino de Língua Portuguesa objetiva instrumentalizar os alunos para (re)construírem significados veiculados em sua prática social. Nessa perspectiva, o texto passa a ser o ponto de partida para toda e qualquer análise de fenômenos linguísticos. O estudo de gramática, portanto, desloca-se para uma posição secundária, representando mais uma estratégia, dentre outras, para desenvolver a prática de compreensão, interpretação e produção de textos.

Em consonância com as propostas dos PCN, o Currículo Mínimo de Língua Portuguesa e Literatura propõe que as habilidades linguísticas focalizadas em cada bimestre sejam desenvolvidas a partir de gêneros de circulação social expressiva. Nessa perspectiva, os textos criam possibilidades de se ampliarem a leitura, a análise da língua em uso e a produção textual, sendo, por isso, denominados, no Roteiro de Atividades, de “geradores”.

Dentre os textos a serem trabalhados com os alunos, os exemplares literários apresentam grande relevância. Como manifestações artísticas, os poemas e as narrativas integram aspectos históricos, sociais e culturais fundamentais para o desenvolvimento discente. Segundo o crítico Antonio Candido<sup>2</sup>, a importância do estudo da literatura pode ser explicada a partir de suas três funções básicas: psicológica, humanizadora e social.

Ao lado das necessidades humanas mais elementares, está a da fantasia. Dos povos mais primitivos às civilizações mais desenvolvidas, verifica-se a elaboração de ficção. Seja por meio de simples anedotas, trocadilhos ou de complexos mitos e contos folclóricos, comprova-se a necessidade universal de criação de histórias.

A influência que uma obra artística exerce naqueles que a experimentam determina a função humanizadora. Essa experimentação é essencial para a formação de nossos alunos da Educação Básica. A obra toca o ser humano por meio da apresentação de uma perspectiva inovadora, até então impensável. Isso demanda que o sujeito também assuma um novo posicionamento diante do real. Não é por acaso que a literatura ocupa parte significativa dos programas educativos

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, Vinicius (org.). **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002. p.p. 80-92.

de qualquer nação letrada. Contudo, para Candido, a literatura vai além do aspecto meramente pedagógico: “Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras”<sup>3</sup>. Sua força humanizadora é fascinante.

Finalmente, a função social estimula o conhecimento do mundo e do ser. A representação da realidade encerrada na obra literária tem autonomia, mas ainda mantém ligação com o real e a possibilidade de influenciá-lo. É por isso que o leitor, aproximando-se do personagem, pode se reconhecer e atingir, a partir da perspectiva da obra literária, uma experiência enriquecedora.

Certamente, o estudante de Ensino Médio já viveu essa experiência em diversas oportunidades de contato com poemas, contos ou romances, mediados pela própria escola ou não; porém, neste momento, ele pode acessar uma apresentação formal e sistematizada dos gêneros literários. Assim, a partir de agora, a literatura poderá ser vista como campo de conhecimento, permitindo ao discente recuperar “as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial”<sup>4</sup>.

Nesta fase, espera-se que o aluno reúna condições como maturidade e repertório cultural para a compreensão mais aprofundada da função estética que singulariza o texto literário. Além disso, outras disciplinas como Educação Artística e História também adensam seus conteúdos, contribuindo para o entendimento dos contextos que engendram a criação das obras literárias.

Considerando a importância da literatura para a formação do indivíduo, a dimensão e complexidade de seu estudo, a nova proposta do Currículo Mínimo é tornar a exploração dos textos literários eixo norteador para o ensino de língua no Nível Médio. Assim, as três últimas séries da Educação Básica passam a trazer as estéticas literárias distribuídas em sequência histórica, da fase colonial às produções mais contemporâneas. A partir de cada uma dessas estéticas, são relacionados, oportunamente, gêneros textuais não literários. Neste bimestre, por exemplo, os relatos de viagem se relacionam à literatura de informação.

É importante destacar que, ao adotar a literatura como referência, o Currículo Mínimo não recupera a posição arcaica e nociva de mero compêndio de normas rígidas, mas busca, através das manifestações mais ricas e criativas da Língua Portuguesa, dinamizar o ensino. A ênfase no objeto

<sup>3</sup> CANDIDO, Antonio. *Op. cit.*: 83.

<sup>4</sup> BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio**. Parte II: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. p. 24.

literário, na verdade, potencializa as habilidades de leitura, favorece a interação do aluno com seu contexto social e cultural bem como tende a estimular o desenvolvimento da escrita.

Desse modo, assumindo o estudo historiográfico das estéticas literárias, que estrutura o Currículo Mínimo, este bimestre letivo focaliza o período denominado “Quinhentismo”<sup>5</sup>. Sob esse rótulo, agrupam-se as manifestações literárias que, produzidas em território brasileiro durante o século XVI, podem ser divididas em duas vertentes: literatura de informação e literatura de catequese.

A Literatura de Informação ou Literatura dos Viajantes surge como a primeira manifestação literária brasileira, resultado do encontro entre portugueses e indígenas em 1500, visto que, ao longo do século XVI, diversas expedições foram lançadas ao mar, em Portugal, como reflexo da expansão ultramarina. É chamada de literatura de informação porque os textos (diários de bordo, crônicas históricas, relatos de viagens, diários e os tratados) objetivavam relatar os episódios diários mais importantes da terra recém descoberta..

Esses textos foram produzidos por escrivães (Pero Vaz de Caminha), por religiosos (Fernão Cardim, Jean de Léry), por aventureiros (Hans Staden), por historiadores (André Thévet) ou por navegadores (Américo Vespúcio) e possuem como principais temas: a exaltação da terra recém-descoberta (sua beleza natural, exótica e exuberante), os nativos e o potencial econômico de exploração de ouro e prata.

Já a Literatura de Catequese pode ser chamada de literatura de formação porque os textos visavam à conversão dos nativos ao catolicismo. Contempla os textos escritos predominantemente por missionários. Sua produção divide-se em prosa moralista, poesia e teatro, sobretudo autos.

Como os bimestres são divididos em ciclos, o 1º focaliza a literatura de informação. Tal organização se justifica: a) pela relevância sócio-histórica dessa manifestação literária; b) por seu lugar estratégico no desenvolvimento do próprio Currículo Mínimo; c) pela possibilidade de se desenvolverem múltiplas habilidade, a partir das especificidades desses textos.

Primeiramente, a literatura de informação é considerada o marco inicial para os estudos literários. Isso porque, essa manifestação literária representa os primeiros contatos de viajantes e missionários europeus com a terra brasileira e seus nativos: “a pré-história de nossas letras interessa como reflexo da visão do mundo e da linguagem que nos legaram os primeiros observadores do país”<sup>6</sup>. Nesse aspecto, o estudo da literatura de informação possibilita que os alunos não só conhe-

<sup>5</sup> PROENÇA FILHO, Domicio. **Estilos de época na literatura**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1985.

<sup>6</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 13.



çam a primeira imagem do Brasil traçada por viajantes estrangeiros como também reflitam sobre a mudança ou a permanência dessa visão acerca do país.

Em segundo lugar, o trabalho com literatura de informação no 1º ciclo deste bimestre, além de iniciar os estudos literários, propicia a revisão e a progressão de conteúdos, já que o modo de organização narrativo, presente nessa manifestação literária, figurou com predominância nos gêneros estudados no 9º ano: segundo o Currículo Mínimo de 2011, no 3º e 4º bimestres letivos, focalizaram-se os gêneros “crônica”, “conto” e “romance”, desenvolvendo, por exemplo, a habilidade “Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagens, conflito e desfecho”.

Associado aos textos literários, o gênero “relato de viagem” é também focalizado neste ciclo. A escolha deste gênero deve-se, principalmente, à proximidade funcional e estrutural em relação à literatura de informação. No que tange à função, tanto os textos da manifestação literária em estudo como os relatos objetivam, além de descrever as peculiaridades de determinado lugar, narrar as ocorrências durante uma expedição. Para atingir esse propósito, os textos deste ciclo se aproximam estruturalmente na seleção do modo de organização narrativo. Dessa forma, os alunos podem lembrar as peculiaridades desse modo – personagens, tempo/espaço, enredo, progressão temporal, entre outros – nos textos focalizados neste ciclo.

Finalmente, podem ser desenvolvidas múltiplas habilidades a partir do estudo desses textos. A análise da Carta de Pero Vaz de Caminha, marco da literatura informativa, pode, por exemplo, propiciar relevantes discussões acerca dos limites entre textos literários e não literários. Os debates podem ser produtivos a partir da controvérsia em relação a esses limites: se, de um lado, a Carta é documental e essencialmente informativa, poderia ser considerada não literária; se, de outro, nela se encontra a visão de mundo do viajante, com seus aspectos culturais e ideológicos, poderia se recuperar uma intenção literária.

O estudo das primeiras descrições do Brasil, associado à análise de relatos atuais, pode, portanto, representar um caminho para que os alunos não só ampliem sua habilidade de expressão mas também compreendam como, a partir das linguagens, constroem-se e legitimam-se identidades sociais.

## Condições prévias

A fim de que os alunos possam construir um conceito para “literatura” e discutir os limites entre os textos literários e não literários, eles devem, previamente, a) perceber a relação entre ficção/realidade; b) compreender a *mimesis*; e, assim, c) formular um conceito para “arte”.

Antes de tudo, é fundamental os alunos compreenderem que as manifestações artísticas valem-se do jogo ficção/realidade como material para seu engenho. Assim, convém destacar que, em sua origem, o vocábulo “ficção” (do Latim, *fictionem*) significava “tocar com a mão”, “modelar na argila”. Desse modo, se ao oleiro cabe criar obras artesanais; ao pintor, quadros; ao músico, acordes; a função do escritor, o artesão da palavra, é criar um mundo pelo texto.

Paralelamente, os discentes precisam entender que o universo da ficção presente nas obras de arte toma a própria realidade por inspiração e modelo. Trata-se da *mimesis*<sup>7</sup> ou imitação artística, que consiste na recriação do real sob o prisma da arte.

Nessa perspectiva, pode-se caracterizar a Literatura e as outras formas de arte como uma recriação do próprio real: uma representação da realidade, condicionada pelo “olhar” de seu autor. Interpretando o real, o artista transmite sua visão sobre o mundo e, assim, desperta, naqueles que contemplam sua obra, sentimentos diversos.



Platão (cerca de 428 a.C. - 347 a.C), no terceiro livro da *República*, defende que a imitação da vida cotidiana traz prejuízos ao projeto de constituição da *polis* ideal, levando à necessidade da expulsão de poetas e dramaturgos da cidade. Seu discípulo Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), porém, pensava diferente. No único livro que restou de sua obra *Poética*, sobre as poesias épica e trágica, o filósofo mostra a importância da tragédia para purgar as emoções humanas.

Assim, de acordo com a concepção aristotélica, os sentimentos despertados pela encenação trágica auxiliavam o público a lidar com sua experiência diária. Por isso, o jogo ficção/realidade faz com que o aluno tenha, na Literatura, material para sua reflexão pessoal através da observação do comportamento humano. Aliás, um dado curioso é que, antes de a Psicologia ser considerada Ciência experimental, a Literatura tinha esse “papel”, pois comumente aborda assuntos comuns à Psicologia, como a personalidade, o pensamento e a emoção.

A partir desses conhecimentos, o aluno poderá iniciar o estudo formal/sistemático da Literatura; contudo, antes de explorar as produções do Quinhentismo e analisar as primeiras imagens construídas para os indígenas e para a “terra brasilis”, duas noções serão ainda necessárias: a) en-

<sup>7</sup> Para mais ver: CEIA, Carlos. E-dicionário de termos literários.

In: <http://www.fcsh.unl.pt/invest/edtl/verbetes/M/mimesis.htm>. Acesso em: 12 set 2011.

tender o que são os períodos literários;b) conhecer os principais fatos históricos que marcaram o século XVI.

Nesse sentido, é importante os alunos perceberem que as manifestações artísticas, como produtos da criação humana, tendem a ser valoradas e comparadas a outros objetos artísticos. A Literatura, portanto, pode ser classificada, segundo o cânone ocidental, através das “escolas/academias literárias”, “movimentos/períodos literários” – rótulos sob os quais se agrupam produções de proximidade quanto a aspectos temáticos e formais.

Na análise dos textos produzidos durante o Quinhentismo, espera-se que o aluno seja capaz de recuperar fatos históricos importantes, como o processo de colonização das Américas, as conjunturas sociais, políticas e econômicas da mercantilização, as grandes navegações espanholas e portuguesas do final do séc. XV e início do XVI, os movimentos do protestantismo e da contra-reforma da Igreja Católica. Essas informações – discutidas, segundo o Currículo Mínimo de História, no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental – servirão como uma contextualização histórica para entender as produções literárias do início do século XVI<sup>8</sup>.

Para que o aluno aprofunde a interpretação dos textos, é fundamental relacioná-los a esse cenário histórico, que marca, para o mundo ocidental, a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Dentre os fatos mais relevantes, destacam-se a descoberta de novas terras e o avanço científico renascentista – a partir do qual foram criadas máquinas de mecânica mais sofisticadas, instrumentos de navegação e meios diferentes para a conservação de alimentos. O fim do período medieval é marcado, ainda, pela comercialização de riquezas naturais e minerais, que tornaria a Europa um continente riquíssimo até os dias atuais.

Desse modo, ao entrar em contato com a Carta de Pero Vaz de Caminha, o livro de Hans Staden ou outros escritos sobre as grandes navegações (como aqueles de Pero Magalhães Gândavo e Gabriel Soares de Souza), o aluno poderá identificar as impressões dos europeus sobre o “Novo Mundo”. Paralelamente, confirmará os objetivos da Coroa Portuguesa: a exploração, o mapeamento, o controle militar de uma terra habitada e cheia de mistérios, além da conversão ao cristianismo dos nativos.

Portanto, para que o aluno mergulhe nos relatos do século XVI, é necessário que, primeiramente, recupere o processo de construção do texto literário e um pouco da história do país em que ele vive.

---

<sup>8</sup> Cf. COUTINHO, Afrânio. **O processo da descolonização literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p.p. 39-55.

## Como ensinar?

Como, neste bimestre, inicia-se o estudo sistemático da literatura, é fundamental desenvolver a habilidade “**Diferenciar texto literário de não literário**”. Para que os alunos compreendam as distinções entre esses textos, você pode selecionar um exemplar de cada e, em seguida, desenvolver um quadro comparativo. Uma prática também interessante é selecionar textos que guardem semelhanças quanto ao assunto, explicitando que não há qualquer restrição temática para a literatura (cf. Questão 9 do Roteiro de Atividades).

Outra estratégia interessante é retomar a origem do vocábulo “literatura” (do Latim, *littera* – “letra”), demonstrando a clara e profunda relação entre escrita e literatura. A partir daí, você pode esclarecer aos alunos que, na história da literatura, essa relação nem sempre ocorreu: antes do desenvolvimento da escrita, as obras eram transmitidas apenas oralmente; posteriormente, a escrita permitiu o registro das produções humanas e passou a representar um novo e definitivo marco na história das civilizações – o que justifica o prestígio alcançado pelas manifestações escritas desde então.

Uma abordagem também possível é partir de declarações simples e cotidianas, a fim de compará-las com manifestações literárias – tal como faz o professor Domício Proença Filho, por exemplo, com a sentença “Uma flor nasceu no chão da minha rua” e com o célebre poema *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade. É interessante os alunos perceberem que, da simplicidade e objetividade de uma frase, eventualmente retirada do cotidiano, parte-se para a complexidade da elaboração de um texto poético.

Na explicação de Proença Filho:



A fala ou discurso é, no uso cotidiano, um instrumento da informação e da ação. A significação das palavras, nesse caso, tem por base o jogo de relações configuradoras do idioma que falamos. Vincula-se a uma verdade de correspondência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético.<sup>9</sup>



<sup>9</sup> FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007, p.7.

O mais importante é que, a partir da comparação entre textos ou da relação entre a literatura e a fala cotidiana, seja destacado o caráter utilitário do texto não literário. Os alunos devem compreender que o texto não literário se caracteriza pelo compromisso com a informação clara e objetiva; distancia-se, pois, do efeito estético presente no texto literário, cuja construção provoca estranhamento no leitor e amplia a mensagem para outras possibilidades de sentidos.

No cotejo entre os textos selecionados, você pode destacar que há, nos poemas, cuidado na elaboração de versos e, muitas vezes, o uso do ritmo e da rima e, nas narrativas, a organização do enredo a partir de sentenças, períodos e parágrafos. Da seleção de palavras ao emprego de recursos expressivos, como as figuras de linguagem, é possível pontuar usos linguísticos com vistas a algo diferenciado do meramente concreto ou diário.

Desse modo, para ampliar a habilidade de distinção entre textos literários e não literários, vale ressaltar que os primeiros, ao contrário dos textos referenciais, oferecem múltiplas interpretações e várias camadas de leitura, criando mundos fantasiosos, como nos contos e romances. Por isso, são fundamentalmente conotativos.



Através da palavra, a literatura realiza a significação ao apresentar o nome das coisas e seres, porém subverte a ligação entre o símbolo, no plano da escrita, e o simbolizado, no plano da realidade, inaugurando novos sentidos. Segundo Marisa Lajolo, “ao mesmo tempo que significa, o texto literário, como que sugere os limites da significação, dribla o leitor, sugerindo-lhe que o que diz é e não é”. Na literatura, busca-se algo para além do significado primeiro dos vocábulos ou, dito de outro modo, além da superfície do dicionarizado. Isso está no cerne da compreensão da literatura como arte.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001, p. 38.)

Nessa perspectiva, destaca-se a importância de se desenvolver a habilidade “**Identificar o sentido denotativo e conotativo da linguagem**”. Para construir esses conceitos, tão essenciais ao entendimento de um texto, vale recordar com o aluno a noção de signo linguístico, formulada por Ferdinand Saussure. Segundo o autor<sup>10</sup>, o signo linguístico é composto do significante, imagem

10 SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007. p.p. 79-84.

acústica, e do significado, o conceito. Enquanto o primeiro pode ser percebido pelo sentido da audição, o segundo precisa ser entendido, corresponder a uma ideia. Por isso, diz-se que o significante compõe o plano de expressão do signo e o significado, o plano de conteúdo.

No entanto, a relação significante e significado nem sempre é perfeitamente equilibrada, de um para um. Assim, é comum para cada expressão (significante) corresponder mais de um conteúdo (significado). Nesse caso, ocorre o que chamamos de “polissemia” – evidente, por exemplo, nos dicionários, que apresentam várias acepções para um mesmo vocábulo.

Essa relação entre os planos de expressão e de conteúdo é denominada denotação. Portanto, o significado denotativo reside no conteúdo imediatamente acessado a partir de dado significante. Mais uma vez, o exemplo do dicionário pode ser útil: você pode pedir ao seu aluno que consulte um verbete. Desse modo, ele verificará que cada acepção é um conteúdo possível para aquele significante.

Contudo, várias outras informações que tornam o conteúdo de determinada palavra mais rico e complexo podem se somar às trazidas pelos dicionários. Esses novos dados dizem respeito à afetividade e a valores que produzem outro plano de conteúdo para o mesmo vocábulo. Assim, o termo deixa seu sentido objetivo (literal) e atinge um nível figurado. Para que o aluno compreenda mais facilmente o conceito de conotação, você pode demonstrar como essa ampliação de sentido é explorada nos provérbios ou nos ditos populares. Como exemplo disso, temos: “mão na roda”, “quem semeia vento colhe tempestade”, “em terra de cego, quem tem um olho é rei”, e tantos outros de fácil reconhecimento.

A conotação é ainda mais evidente nos textos literários, que se destacam por sua riqueza de sentidos. No entanto, ela tem sido largamente utilizada em diferentes gêneros. A *Carta de Achatamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha, ilustra bem isso. Embora o escrivão português anuncie que pretende ser objetivo em seu texto, se faz notar a sua perspectiva pessoal a respeito da Nova Terra e de seus habitantes (cf. Questão 3 do Roteiro de Atividades).

Dessa forma, os estudantes serão orientados a perceber que, na literatura, busca-se algo para além do significado primeiro dos vocábulos, além da superfície do dicionarizado. Isso está no cerne da compreensão da literatura como arte. Como a pedra para o escultor e as tintas para o pintor, a palavra é a matéria-prima da arte literária.

Além de observar a reconstrução da linguagem e os diferentes sentidos de expressões, outras características dos textos literários podem ser indicadas ao longo de análises comparativas. Dentre as possibilidades de sistematização dessas marcas, destacam-se os cinco critérios utilizados por Pla-

tão e Savioli:<sup>11</sup> plurissignificação (o texto literário possui mais de um sentido); desautomatização (a função poética combina os elementos de modo inusitado); conotação (significados não imediatos ou dicionarizados), relevância do plano de expressão (valorização do significante) e intangibilidade da organização linguística (o efeito estético se perde com o comprometimento da forma).

Reconhecendo as particularidades dos textos literários, o aluno poderá relacioná-los aos períodos literários. Nesse sentido, vale destacar que, dentre as produções do Quinhentismo no Brasil, os textos analisados neste 1º ciclo não representam um projeto literário: os textos evidenciam as impressões dos colonizadores em relação às terras brasileiras e aos nossos primeiros habitantes, mas pouco ou em nada acrescentam do ponto de vista estético. Contudo, para os próximos ciclos, a sistematização dos períodos literários será um procedimento bastante rentável para a exploração dos principais traços das estéticas a serem estudadas, desde que se considere o fato de muitos autores serem artistas de prospecção e ultrapassem as percepções de sua época, formando uma estética literária nova e, assim, rompendo, no plano da forma e do conteúdo, com seu cânone.

Portanto, a noção de estilo de época não pode limitar o trabalho a linhas de tempo ou aprisionar o aluno nas temidas listas de “decoreba”. As obras literárias, como qualquer outra manifestação artística, não se desvinculam da história, mas não se restringem ao seu mero produto. Segundo Cadematori: “o desafio da periodologia literária consiste em, não podendo se afastar da história, ter de superá-la para dar conta daquilo que nela é especificamente literário, ou seja, do sistema de normas estéticas que dominam a literatura num dado momento histórico”<sup>12</sup>.

Assim, é importante evitar as rígidas demarcações históricas, que podem acabar engessando as obras em modelos e eclipsando suas particularidades. O trabalho com a palavra, a elaboração da linguagem, cerne da criação literária, jamais poderá ser colocado como secundário. Mas, nem sempre isso fica claro para o aluno, que acaba se fixando nos esquemas e quadros sinópticos. É importante salientar, portanto, que os resumos, se considerados imprescindíveis, podem ser utilizados como recurso didático e não devem se confundir com um programa prévio seguido pelos escritores; afinal, primeiramente, as obras foram construídas mediante a eleição de certos traços estéticos e, somente depois, organizadas/sistematizadas..

Logo, no estudo de um movimento, estética ou até escola literária, o que se procura é uma síntese dos aspectos históricos, políticos, sociais e artísticos e não uma generalização apressada e

<sup>11</sup> FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007. p.p. 349-357.

<sup>12</sup> CADERMATORI, Lígia. **Períodos Literários**. São Paulo: Ática, 2007, p. 8.

inconsistente. Para evitar problemas como esse, você pode priorizar o exame dos textos literários, com ênfase nas opções estéticas feitas pelo escritor e, se possível, em cotejo com outras manifestações artísticas com traços ou temas afins.

Relacionando os textos aos seus contextos sócio-históricos, o aluno poderá desenvolver a habilidade **“Identificar nos textos da literatura de informação as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural”**. Ao iniciar o diálogo sobre o Quinhentismo, você pode utilizar estratégias visuais, como os vídeos indicados nas referências, visto que proporcionariam ao aluno ambientar-se com imagens de documentos da época, como: mapas, caravelas e o original da Carta de Caminha. Para isso, pode ser utilizado o vídeo “A Carta de Pero Vaz de Caminha”<sup>13</sup>, produzido pela TV SENADO, cujo conteúdo apresenta a narração de uma exposição comemorativa dos 500 anos do Brasil. Nesse texto, trechos do início da Carta e diferentes imagens ilustram o contexto da época da chegada dos portugueses, em suas caravelas, bem como a natureza e os indígenas. Além disso, há, no vídeo, depoimentos, entrevistas (inclusive com professores de literatura) e uma exposição de artistas brasileiros e portugueses, retratando, pictoricamente, a leitura que fizeram da Carta.

Como contraponto à descrição histórica da Carta, pode-se mostrar outro vídeo<sup>14</sup> uma reportagem produzida em janeiro de 2011 pela TV CBS para o programa *60 minutes*. Parte dessa reportagem mostra a visão paradisíaca, exótica e exuberante que muitos estrangeiros ainda têm a respeito do Brasil – uma influência direta da percepção que Caminha teve do país e que ajudou a difundir através da Carta. O vídeo, no entanto, vai além, ressaltando tanto o potencial econômico do Brasil quanto problemas ainda difíceis de solucionar, como a corrupção.

O filme “Rio” e o episódio do desenho animado “Os Simpsons no Brasil”<sup>15</sup> também podem ser utilizados como uma estratégia visual, pois ajudam o aluno a ter uma leitura mais crítica de como as primeiras imagens do Brasil dialogam e com a atual. Em “Rio”, por exemplo, há a imagem de um paraíso tropical com problemas sociais, como por exemplo, as favelas. Já em “Os Simpsons”, há uma descrição extremamente negativa e caricata do país, resquícios ainda de uma visão etnocêntrica.

---

<sup>13</sup> Ver nas referências o comentário descritivo do conteúdo do vídeo. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2Hwd3DTBmXw> (1ª PARTE)  
<http://www.youtube.com/watch?v=g9SFXWLKon4&feature=related> (2ª PARTE)

<sup>14</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=DMM7OJ\\_Kj9I](http://www.youtube.com/watch?v=DMM7OJ_Kj9I)

<sup>15</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=6\\_PqGWbXw0o&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=6_PqGWbXw0o&feature=related)



O principal objetivo desses vídeos é, portanto, desenvolver no aluno a competência para ler criticamente os textos informativos, repensando o projeto colonial português no período das grandes navegações. Para isso, é importante ampliar sua capacidade de identificar, durante a leitura da Carta ou de outros textos, como a escolha de determinadas marcas linguísticas são intencionais por parte do autor do texto e denotam ideologias subjacentes (cf. Questões 4 e 6 do Roteiro de Atividades).

Para despertar o interesse do aluno para a leitura da Carta ou de outros textos do período (tratados, crônicas históricas, relatos de viagens), você pode selecionar imagens que descrevam a fauna, a flora e a cultura dos índios, como, por exemplo, o quadro de Vitor Meireles<sup>16</sup>, uma ilustração da primeira missa no Brasil. Os alunos poderiam legendar cada imagem que você selecionou com as passagens da Carta correspondentes à descrição. Finalmente, discutiríamos e exporíamos, criticamente, as marcas linguísticas que compõe a ideologia subjacente das descrições selecionadas, ampliando a habilidade de investigação das marcas do autor, da tradição literária e do contexto sociocultural dos textos da literatura de informação.

Outra estratégia interessante seria solicitar aos alunos a comparação de textos do mesmo momento histórico de produção, para identificar, textualmente, marcas linguísticas de costumes, valores e intenções dos agentes produtores em função de seus comprometimentos e interesses políticos, ideológicos e econômicos. Um bom exemplo seria comparar fragmentos da Carta a um fragmento do *Tratado da Terra do Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo, ou *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden. As características da Carta e de outros textos informativos do período, como as crônicas e os tratados, corroborariam ainda mais a identificação das marcas linguísticas escolhidas pelos autores, as quais apresentam o olhar do europeu diante da “terra brasilis” (cf. Questões 7 e 8b do Roteiro de Atividades).

Após esse primeiro contato dos alunos com a Carta, você pode selecionar textos mais atuais e críticos (pinturas, fotos, charges, poemas do Modernismo) que tratem dos primeiros anos de colonização de nosso país. Músicas, como, por exemplo, “Cara de índio”, de Djavan, “Um índio”, de Caetano Veloso, “Índio”, do Farofa Carioca, “Índios”, do Legião Urbana, e “Dona desse lugar”, de Daniela Mercury, são também construções interessantes, visto que retratam as diferentes visões do índio em momentos distintos da nossa história.

---

<sup>16</sup> Há na internet muitas imagens que podem servir de exemplo para ilustrar a *Carta* de Pero Vaz de Caminha.

Todas essas práticas podem ser úteis para desenvolver, ao mesmo tempo, a habilidade “**Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea**”. A partir de análises comparativas, os alunos poderão compreender não só a visão do colonizador português, marcada por crenças e valores religiosos, mas também a visão atual acerca das terras indígenas e dos novos “colonizadores” (ou expropriadores) (cf. Questões 4, 5 e 7 do Roteiro de Atividades).

Para demonstrar que compreendeu o objetivo do estudo da Literatura de Informação, o aluno pode expor – oralmente ou por meio de um resumo escrito – o seu ponto de vista em relação à realidade da época estudada e à atual. Desse modo, poderá refletir, de maneira mais aprofundada, sobre si mesmo e sobre o meio em que vive: das grandes expedições/navegações à globalização; da identidade nacional e da cultura indígena à diversidade étnica e cultural.

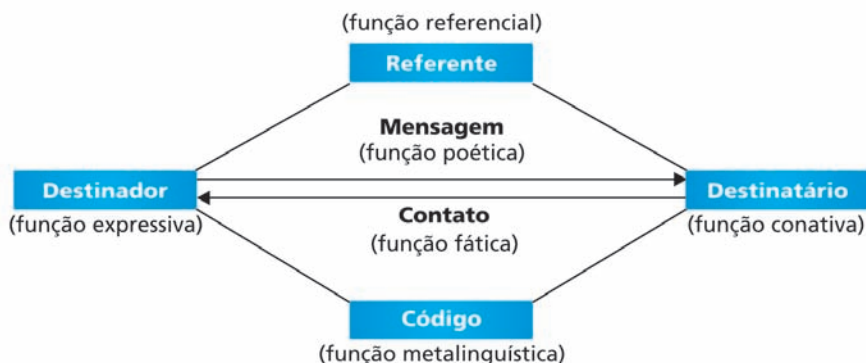
Neste segmento de ensino, a análise de textos da literatura de informação se amplia por reflexões sobre o próprio processo de comunicação e as diferentes funções da linguagem. Sendo assim, vale esclarecer aos seus alunos, já neste 1º ciclo, que cada elemento constituinte do ato de comunicação determina uma função de linguagem específica. Nessa perspectiva, os alunos devem reconhecer os elementos da comunicação para, em seguida, ampliarem outra habilidade: “**Identificar as funções da linguagem**” (cf. Questões 1, 2 e 8a do Roteiro de Atividades).

Inicialmente, seria interessante você retomar com os alunos os elementos essenciais à interação: em um ato de fala, estão envolvidos um emissor e um receptor, parceiros na troca comunicativa; uma mensagem a ser transmitida, que requer um contexto (ou referente) apreensível pelo receptor; um código total ou parcialmente comum ao emissor e ao destinatário; e um canal (ou contato) físico ou psicológico entre os parceiros da interação que os capacite a entrarem e permanecerem em comunicação<sup>17</sup>. Uma estratégia para facilitar o reconhecimento desses elementos é apresentá-los em forma de esquema<sup>18</sup>:

---

<sup>17</sup> JAKOBSON, Roman. *Linguística e Poética*. In.: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 118-162.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/lingfuncoes.html>. Acesso em: 05/01/2012.



As designações sugeridas no quadro podem variar de acordo com a nomenclatura que se selecione: Destinador, Emissor ou Locutor; Destinatário, Receptor ou Interlocutor; Referente ou Contexto; Contato ou Canal. O importante para o aluno é reconhecer como esses elementos, juntos, são essenciais à interação.

A partir desse quadro, os alunos mais facilmente poderão compreender que as funções de linguagem estão intrinsecamente ligadas ao foco em determinado elemento de comunicação. No entanto, é importante você destacar que não há, por muitas vezes, a exclusividade de uma função específica. Dada a diversidade de elementos focalizados para atingir determinado objetivo comunicacional, vale a ordem hierárquica de funções presentes em um texto – como explicita Jakobson:

“

Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções.<sup>19</sup>

”

<sup>19</sup> JAKOBSON, Roman. *Linguística e Poética*. In.: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 123.

Uma estratégia para complementar o esquema inicial pode ser a sistematização das principais marcas linguísticas mais recorrentes em textos em que predomina uma das funções da linguagem, construindo, junto aos alunos, um quadro comparativo, como o que se segue:

Elemento da comunicação	Função da linguagem	Principais traços linguísticos
Emissor	Emotiva ou Expressiva	Discurso em 1ª pessoa, julgamentos subjetivos, interjeições.
Receptor	Conativa ou Apelativa	Verbos no imperativo, emprego de vocativos, uso de pronomes de 2ª pessoa.
Mensagem	Poética	Maior elaboração formal da mensagem: ritmo, sonoridade, grafismo, espacialidade, figuras de linguagem.
Código	Metalinguística	Expressões conceituais.
Canal	Fática	Expressões que manifestem a necessidade ou intenção de manutenção do contato.
Referente	Referencial	Linguagem direta e objetiva, estruturais verbais impessoais, que evidenciam a neutralidade do emissor.

Na apresentação dos elementos da comunicação, outra informação importante para os alunos diz respeito ao caráter dialógico constitutivo de todo ato de linguagem: o emissor comunica em função da imagem (real ou virtual) de um receptor que, por sua vez, também projeta uma imagem do emissor. Essas projeções vão, entre outros fatores, condicionar o sentido atribuído à mensagem. É interessante que o aluno perceba essa relação dialógica existente entre os parceiros de toda troca comunicativa em detrimento da concepção estanque de cada elemento sem relação com os demais.

Como no 1º ciclo do bimestre privilegia-se o estudo da Literatura Informativa e do gênero “relato de viagem”, outra habilidade a ser desenvolvida é “**Produzir relatos de viagem**”. Esse gênero, de caráter subjetivo e de comunicação ampla nas mídias (rádio, revistas, jornais, *blogs*, *sites*), tem uma função social muito relevante: transmitir a visão de um indivíduo acerca da cultura do “outro”, o desconhecido. Na produção do seu texto, o aluno deve perceber, portanto, que a personalidade do discurso, a subjetividade das informações relatadas, a predominância de verbos no tempo pretérito, a cronologia das ações vivenciadas ao longo da viagem e as conclusões do contato com outras culturas estruturam um texto especular, a partir do qual seus futuros leitores (colegas, professores, familiares) poderão “desvendar” o mundo que os cerca (cf. Questão 10 do Roteiro de Atividades).

Para o desenvolvimento de diferentes possibilidades de trabalho em sala de aula sobre literatura, mais especificamente, com os textos informativos e os relatos, apresentam-se, a seguir, algumas sugestões de leitura e pesquisa, detalhadamente comentadas.

## Textos teóricos

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. No capítulo I, intitulado *A condição colonial*, o autor trata das questões historiográficas e artísticas da literatura brasileira em sua fundação. Nos tópicos *A carta de Caminha* (p. 14) e *Gândavo* (p. 15), Alfredo Bosi destaca fragmentos das obras dos autores fundacionais para contextualizar a Literatura Brasileira no período histórico colonial.

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítcos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.
  
- CADERMATORI, Lígia. **Períodos Literários**. São Paulo: Ática, 2007. A autora analisa os principais traços das estéticas literárias que vigoraram desde a Idade Média até a contemporaneidade. Na introdução (p.p. 5-9), Cadermatori mostra que os diferentes aspectos ideológicos, políticos, econômicos e sociais repercutem nas produções artísticas de cada época, resultando em estilos singulares. Na verdade, cada estilo de época é a síntese das características mais valorizadas em determinado momento histórico. Ao final da obra, a seção *Vocabulário Crítico* (p.p. 75-77) oferece a definição de conceitos importantes para a compreensão dos períodos literários, tais como: clássico, estilo literário e norma estética.

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítcos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.
  
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: DANTAS, Vinícius (org.). **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002. p.p. 77-92. Neste texto, o crítico Antonio Candido reflete acerca das funções básicas da literatura. Para o autor, a arte literária atende à necessidade humana de fantasiar e contar histórias, proporciona uma experiência única, capaz de humanizar os leitores, e, finalmente, estimula o conhecimento do mundo e de si mesmo.

**Habilidade relacionada:** Diferenciar texto literário de não literário.

- \_\_\_\_\_ . **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. p.p. 105-110.

O autor estabelece um paralelo crítico entre a história da Literatura Brasileira e a Sociologia, levando em consideração reflexões pontuais ao professor de literatura. O capítulo V, intitulado *Letras e idéias no período colonial*, aborda, de maneira didática, como a Literatura Brasileira foi sedimentada tendo em vista as circunstâncias histórico-sociais do período colonial brasileiro.

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

- CHALHUB, Samira. **Funções da Linguagem.** São Paulo: Ática, 1997.

Neste pequeno livro da Série *Princípios*, a autora dedica cada capítulo a uma função da linguagem, mostrando que todo texto apresenta várias possibilidades de leitura. Demonstra como o estudo das funções da linguagem contribui para a identificação de efeitos de sentido e propósitos discursivos diferentes.

**Habilidade relacionada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, meta-linguística, poética e emotiva.

- CHIAPPINI, Lúcia. Gramática e literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 2006. p.p. 17-25.

Neste artigo, a autora discute a pertinência de o ensino de língua e o ensino de literatura serem desenvolvidos em disciplinas diferentes. Além disso, apresenta o tópico *Concepções de Literatura*, em que explica três das cinco concepções tradicionalmente utilizadas pela escola: a literatura como instituição nacional, como patrimônio cultural; a literatura como disciplina escolar, que se confunde com a história literária; o cânone consagrado pela crítica literária.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- COUTINHO, Afrânio. **O processo de descolonização literária.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. p.p. 39-55.

Afrânio Coutinho, neste livro, procura diagnosticar o processo de “descolonização” literária por que passou o Brasil através de sua história. Na parte I do livro, *Temas de Literatura*, no tópico *A Literatura das Américas na Época Colonial*, o autor faz uma contextualização histórica, política e econômica do cenário europeu e das grandes navegações, perpassando pelos cronistas de viagens na América espanhola e portuguesa.

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

- FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 2007.

Resultado da experiência de seus autores em sala de aula, a obra traz várias propostas para o ensino de temas do currículo de língua portuguesa e literatura. Os capítulos, chamados lições, trazem sugestões de atividades com textos de variados gêneros, valorizando a interpretação e produção textual.

Na lição 38, *Texto literário e texto não literário* (p.p. 349-357), os autores apontam critérios que podem ser utilizados na diferenciação entre esses exemplares textuais.

**Habilidade relacionada:** Diferenciar texto literário de não literário.

- GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna.** Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1977.

No capítulo 3, *Parágrafo de descrição e de narração*, o autor caracteriza a descrição literária e demonstra a importância do ponto de vista do observador não só na descrição do ambiente e da paisagem, mas também na diferenciação entre “tipo” e “personagem” (p.p. 216-224).

**Habilidades relacionadas:** Identificar, nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos, as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

- JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In.: \_\_\_\_\_. **Linguística e comunicação.** 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p.p. 118-162.

Após discutir os limites entre a Linguística e a Poética, o capítulo propõe um modelo estrutural para o processo de comunicação. Assim, Jakobson descreve os seis fatores (elementos) da comunicação e, a partir disso, individualiza as funções da linguagem que os focalizam. Como uma ampliação do estudo de Karl Bühler (psicólogo alemão), Jakobson pontua os mecanismos associados às seis funções da linguagem.

**Habilidade relacionada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, meta-linguística, poética e emotiva.

- LAJOLO, Marisa. **Literatura:** leitores e leitura. São Paulo: Moderna, 2001. Neste texto, a professora Marisa Lajolo desenvolve um percurso que, evitando definições apressadas, mostra o que tem caracterizado o discurso literário ao longo da história e o que conferiu à literatura a relevância social e cultural que hoje possui. Em curtos parágrafos, Lajolo mantém um constante diálogo com o leitor e enriquece o texto com diversas referências literárias (p.p. 7- 43).

**Habilidade relacionada:** Diferenciar texto literário de não literário.

- MARTELOTTA, Mário Eduardo (2008). Funções da linguagem. In.: \_\_\_\_\_ (org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.p. 31-36.

Em uma exposição didática, o autor apresenta o modelo tradicional de comunicação, proposto por Jakobson. Assim como os demais textos que compõem o livro, o artigo destina-se, principalmente, a alunos de graduação em Letras e, por isso, apresenta exercícios de fixação, que podem ser adaptados às salas de aula do Ensino Médio.

**Habilidade relacionada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, meta-linguística, poética e emotiva.

- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

Este dicionário apresenta um grande número de verbetes importantes ao estudo da literatura, como: “arte” (p. 41); “ficção” (p. 188); “literatura” (p. 264); “mimese” (p. 292). É uma ferramenta a mais nas aulas deste 1º ciclo, pois conceitua algumas nomenclaturas estudadas a partir dos textos literários.

**Habilidades relacionadas:** Diferenciar texto literário de não literário; Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuítos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.



- PEREIRA, Cilene da Cunha *et alii*. Gêneros textuais e modos de organização do discurso: uma proposta para a sala de aula. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & SANTOS, Leonor Werneck (orgs.). **Estratégias de leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006. p.p. 27-58.

Neste artigo, as autoras examinam a relação entre os gêneros textuais e os modos de organização do discurso, com base na variedade de textos produzidos na sociedade. Trazem didaticamente uma série de quadros-exemplos sobre a relação entre gêneros textuais, os modos de organização do discurso e marcas linguísticas.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 2007.

Nesta obra, Domício Proença Filho aborda os conceitos e as características da literatura. Na introdução (p.p. 5-8), o autor diferencia os textos não literários dos textos literários. No capítulo 5, *Características do discurso literário* (p.p. 40-49), Proença Filho desenvolve um exame detalhado dos traços que singularizam o discurso literário. Além disso, ao final do livro, a seção *Vocabulário Crítico* (p.p. 80-84) traz a definição de termos pertinentes à literatura, tais como: “linguagem”, “mimese”, “sentido” e “verso”.

**Habilidade relacionada:** Diferenciar texto literário de não literário.

- \_\_\_\_\_. **Estilos de época na literatura**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1985.

Neste livro, o autor discorre por todos os estilos de época da literatura de maneira a facilitar didaticamente o estudo.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- SILVA, Edila Viana & ANGELIM, Regina Célia Cabral. O ensino de língua portuguesa: da heterogeneidade linguística à prática em sala de aula. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & SANTOS, Leonor Werneck (orgs.). **Estratégias de leitura**: texto e ensino. Rio de Janeiro, Lucerna, 2006.

No subitem 2.1, *Propostas de atividades didáticas com o gênero “carta”* (p.p. 73-79), as autoras sugerem modelos de exercícios de acordo com a função comunicativa do gênero “carta” (carta pessoal; carta de leitor; carta de pedido de conselho).

**Habilidade relacionada:** Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

- SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1992. No capítulo 9, subitem 9.8, *Texto, intertextualidade e intertexto*, o autor expõe o significado, o sentido, os tipos e as funções da intertextualidade como lastro cultural. (p.p. 592-601)

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Analisar e avaliar a presença do indígena na literatura de informação, na jesuítica e na literatura contemporânea.

- SOUZA, Luis Marques de & CARVALHO, Sergio Waldeck. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

No capítulo 3, *Estratégias para leitura*, os autores apresentam as últimas contribuições da Linguística no processamento do texto. Expõem e explicam as diversas relações textuais, contextuais ou pragmáticas e intertextuais que um texto pode apresentar. Trazem, para isso, uma variedade de exemplos e de exercícios. O tópico referente às relações intertextuais apresenta as diversas formas de intertextualidade: alusão, citação, epígrafe, paráfrase e paródia. (p.p. 61-92)

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

## Livros didáticos

- ABAURRE, Maria Luiza M., ABAURRE Maria Bernadete e PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.

No capítulo 9 da unidade 3, *A literatura no período colonial*, apresentam-se as “Primeiras visões do Brasil”: a revelação do mundo novo, o projeto colonial português, a lite-

ratura de viagens e a literatura de catequese (p.p. 138-152). O capítulo é riquíssimo em imagens e mapas, através dos quais o aluno pode ser transportado ao contexto da época. Ao final da unidade, apresenta-se o tópico *Conexões* (p. 154), em que há sugestões de filmes, livros, músicas e *sites* no intuito de despertar a curiosidade e o aprofundamento dos alunos nos estudos. Já o capítulo 14, *A dimensão discursiva da linguagem*, é dedicado a apresentar os elementos da comunicação e as funções da linguagem de maneira bem objetiva e com exercícios (p.p. 233-234)

**Habilidades relacionadas:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Reconhecer as funções da linguagem: referencial, metalinguística, poética e emotiva.

- ANDRADE, Sílvia Letícia de; CAMPOS, Elizabeth & CARDOSO, Paula Marques. **Viva português:** Ensino médio. vol 1. São Paulo: Ática, 2010.

Na Unidade 4, Capítulo 1 (p.p. 171-192), as autoras apresentam alguns relatos de viagens para ambientar o aluno no gênero textual em foco. Sugerem atividades de interpretação de textos, produção e de estrutura do gênero relato de viagem, para, no Capítulo 2 da mesma unidade, introduzir a Literatura Quinhentista e as cartas da Literatura de Informação (p. 193).

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- BARRETO, Ricardo Gonçalves. **Português:** Ensino Médio. São Paulo: Edições SM, 2010. Coleção *Ser Protagonista*.

No capítulo 9, *As origens da literatura brasileira*, o autor descreve, detalhadamente, todo o contexto histórico, cultural e literário de produção do período quinhentista. Apresenta, ainda, uma análise minuciosa de um poema do Pe. José de Anchieta (p. 118) e exercícios sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha (p. 119).

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de & MARUXO Jr, José Hamilton. **Língua Portuguesa:** linguagem e interação. vol 1. São Paulo: Ática, 2010.  
No capítulo sobre o gênero “conto”, há, na unidade 1, uma entrevista (p.p. 38-39) com a autora de novelas Glória Perez, abordando a relação entre realidade e ficção em seus roteiros teledramáticos. No capítulo 7 da unidade 3, *O relato de viagem* (p. 201), há uma seção de gramática textual dedicada à diferenciação entre a narrativa e o relato. O exercício, com um quadro comparativo, tem continuidade na página 202, ilustrando, de maneira bem objetiva, a interseção do gênero “relato” com o modo de organização discursivo narrativo. Já nas páginas 204-209, os autores dedicam o estudo dos relatos de viagens aos cronistas coloniais Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e Pero Magalhães Gândavo, com fragmentos de textos e quadros explicativos e ilustrativos.  
**Habilidades relacionadas:** Diferenciar texto literário de não literário; Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural; Produzir relatos de viagem.

## Links e Vídeos

- **A visão dos americanos sobre o Brasil** – 14 min. (Reportagem da TV CBS - 60 minutos)  
[http://www.youtube.com/watch?v=DMM7OJ\\_Kj9I](http://www.youtube.com/watch?v=DMM7OJ_Kj9I)  
Reportagem da TV americana que mostra o potencial do Brasil em termos econômicos, além de diversas imagens da natureza brasileira, costumes e tradições. O programa *60 minutes* da TV CBS retrata, também, a alta tolerância dos brasileiros à corrupção, à falta de ambição e ao famoso “jeitinho brasileiro”. Há entrevistas com personalidades políticas, empresários e historiadores.  
**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.
- **A Carta de Pero Vaz** – Vídeo Comemorativo dos 500 anos do Brasil  
<http://www.youtube.com/watch?v=2Hwd3DTBmXw> (1ª PARTE)  
<http://www.youtube.com/watch?v=g9SFXWLKon4&feature=related> (2ª PARTE)

A *Carta* de Pero Vaz de Caminha foi apresentada pela primeira vez aos brasileiros na passagem dos 500 anos de Descobrimento do Brasil. Conservada com esmero e alta tecnologia, ficou exposta no Salão Negro do Congresso. Este documentário de outubro de 2000 resgata a história dessa “certidão de nascimento” do Brasil.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

▪ **Os Simpsons no Brasil - 9’30**

[http://www.youtube.com/watch?v=6\\_PqGWbXw0o&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=6_PqGWbXw0o&feature=related)

Neste episódio, a família Simpson viaja para o Brasil, um país representado, no desenho, por valores fúteis, sequestros, sexualidade, pobreza, futebol, carnaval, favelas, corrupção, falta de crenças, dentre outras características pejorativas.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

▪ **Top 10 Maravilhas Naturais do Brasil - 7’04**

<http://www.youtube.com/watch?v=9bg8jAYdoLo>

Neste vídeo, aparecem dez imagens paradisíacas do Brasil. Essas maravilhas naturais servem como ilustração da exuberância descrita por Pero Vaz de Caminha na *Carta*.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

▪ **Quinhentismo – 4’24**

<http://www.youtube.com/watch?v=KSj0BA4pqDU&feature=related>

Neste vídeo, um resumo do Quinhentismo, são apresentados – de forma didática e objetiva – os elementos mais representativos da literatura de informação e da literatura de catequese.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- **Índio – Farofa Carioca – 5’31**

<http://www.youtube.com/watch?v=LWJzINyQCRY>

O *Farofa Carioca* é um grupo musical do Rio de Janeiro que possui estilo variado devido à combinação de ritmos, como rock, pop, rap, samba e funk. Neste vídeo, canta a música “Índio”, cuja letra retrata, de forma crítica, a situação do índio desde 1500 até os dias de hoje. O interessante é a introdução da música: inicialmente, ela reproduz o momento da chamada diária feita pelo professor; em seguida, apresenta um trecho de “O guarani”, de Carlos Gomes; finalmente, inicia-se a letra de “Índio”.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- **Dona desse lugar – Daniela Mercury – 3’44**

<http://www.youtube.com/watch?v=nkT0tpAFy8>

Neste vídeo, enquanto Daniela Mercury canta a música “Dona desse lugar”, várias imagens de índios são mostradas em suas tribos, assim como seus costumes. A música exalta a “dona do Brasil”: as várias índias de várias tribos: “Sou índia xavante / Da tribo distante / Dona desse lugar / Tupinambá / Tupiniquim / Txucarramãe / Guarani / Tupi / Pataxó / Bororó / Caiobá / Xavante”. Também afirma que “Desde antes, muito antes / Do Brasil ser Vera Cruz / Os primeiros habitantes / Por aqui andavam nus / Tupiniquins, tupinambás / Txucarramães e bororós”.

**Habilidade relacionada:** Identificar nos textos da literatura de informação e nos jesuíticos as marcas das escolhas do autor, da relação com a tradição literária e com o contexto sociocultural.

- E-Dicionário de Termos Literários Carlos Ceia

[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=1551&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1551&Itemid=2)

Dicionário *on-line* gratuito elaborado por especialistas em Língua, Linguística e Literatura, para consultas de verbetes, como “mímesis”.

**Habilidade relacionada:** Diferenciar texto literário de não literário.

- Portal do Professor – Aula - Relato de Experiência Viva versus Relato de Viagem  
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=32216>

A sugestão de aula da professora Lazuita Goretti de Oliveira, da cidade de Uberlândia (MG), é um excelente exemplo de como auxiliar os alunos a produzirem seus relatos de viagens. A professora explica as diferenças e as semelhanças entre relatos pessoais e de viagem, sugere *sites*, relatos na *internet* e filmes. Essa aula é preparada para 4 tempos de 50 minutos, mas pode ser adaptada a outra carga horária.

**Habilidade relacionada:** Produzir relatos de viagem.

## Como avaliar?

O foco do bimestre, aquele que mostra as primeiras visões do Brasil, é o texto informativo, representado, no Roteiro de Atividades, principalmente pela Carta de Pero Vaz de Caminha. Há outros textos informativos, dentre tantas possibilidades, como os relatos de viagens e os tratados<sup>20</sup>, por exemplo. Nesse sentido, pode-se pensar em avaliações que envolvam alguns recortes relativos: a) ao gênero discursivo que se encontra em jogo; b) ao tipo ou às sequências textuais que o configura; c) à função sociocomunicativa do gênero em questão; d) ao tema abordado; e) ao espaço e/ou tempo de produção; f) aos recursos linguísticos em uso.

A partir de seu conhecimento prévio, o aluno identificará que o primeiro texto informativo do Roteiro de Atividades pertence ao gênero “carta”<sup>21</sup>. Assim, poderão ser destacados os elementos que a estruturam<sup>22</sup>: vocativo, local, data, texto, assinatura. Tal gênero apresenta uma situação comunicativa em que os parceiros (escrivão-mor e o rei D. Manuel) não estão face a face, mas mantêm suas identidades psicológicas e sociais. Finalmente, a carta tem por finalidade expor pontos de vista do seu locutor em favor de determinado assunto ao seu interlocutor (função sociocomunicativa).

<sup>20</sup> Embora as Orientações Pedagógicas focalizem a Carta de Pero Vaz de Caminha, os mesmos seis recortes avaliativos expostos a seguir também são válidos para os textos de Hans Staden e de Pero Magalhães Gândavo.

<sup>21</sup> Há, no Roteiro de Atividades, outros textos da literatura informativa, além da Carta de Pero Vaz, como o livro de Hans Staden.

<sup>22</sup> SILVA, Edila Viana & ANGELIM, Regina Célia Cabral. Propostas de atividades didáticas com o gênero “carta”. In: \_\_\_\_\_. **O ensino de língua portuguesa: da heterogeneidade linguística à prática em sala de aula.** Rio de Janeiro, Lucerna, 2006. p.p. 73-79.

Após o reconhecimento do gênero discursivo, o passo seguinte é identificar qual a sequência textual predominante no texto: a descritiva. A “descrição é a representação verbal de um objeto sensível (ser, coisa, paisagem), através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos pormenores que o individualizam, que o distinguem”<sup>23</sup>. Descrever não é enumerar o maior número possível de detalhes, mas assinalar os traços mais singulares; é fazer ressaltar do conjunto uma impressão dominante e única.

Além de explorar os elementos que estruturam o gênero em questão e suas marcas linguísticas, é relevante não só explorar sua função sociocomunicativa, assim como verificar os interlocutores envolvidos nesse ato de linguagem. Isso porque, a construção da imagem do locutor e do interlocutor é imprescindível para a construção do sentido global do texto. Logo, vale destacar que o escrivão-mor da frota de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, escreve a el-rei D. Manuel, com a finalidade de descrever o deslumbramento com o descobrimento de uma nova terra, assim como as primeiras impressões acerca do índio.

Por isso, é importante que aluno identifique os índices contextuais e situacionais que permitem a construção da imagem do locutor (Pero Vaz) e do interlocutor (el-rei D. Manuel). Nesse sentido, é importante pontuar que a Carta foi escrita 10 dias após a chegada de Cabral às terras brasileiras e endereçada ao rei de Portugal, em 01 de maio de 1500, para informar a chegada a uma nova terra. O texto descreve, pois, tudo o que pudesse interessar ao governante, explicitando um momento de consolidação das grandes navegações.

Além dessas estratégias para identificar as marcas das escolhas do autor, outra é fundamental: a relação entre textos, a intertextualidade. Para entender essa relação, comparar textos distantes no tempo a fim de avaliar a maior e a menor fidelidade ao texto original e verificar a sua intenção é um bom recurso de utilização de paráfrase<sup>24</sup>. No Modernismo, há muitos textos que podem servir de diálogo para o aluno perceber a intertextualidade, principalmente os de Oswald de Andrade e a sua poesia *Pau Brasil*. O aluno deve reconhecer como a intertextualidade pode se manifestar através da paródia, que “reflete uma nova intenção a um texto anterior, consistindo basicamente na apropriação de um texto primitivo com intenções críticas, humorísticas ou apelativas”<sup>25</sup>.

Em seguida, o aluno deve perceber os recursos linguísticos em uso, isto é, a classe de palavra e a figura de linguagem que Pero Vaz de Caminha usou de forma mais recorrente para assinalar

<sup>23</sup> GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna**. 5. ed.. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1977. p. 216.

<sup>24</sup> SOUZA, Luis Marques de. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 69.

<sup>25</sup> *Ibidem*: 71.



os traços singulares do índio e da paisagem brasileira: a adjetivação e a comparação. Esses são recursos-chave do texto descritivo, pois ampliam a visualização do objeto descrito.

A proposta de produção textual do 1º ciclo do 1º bimestre é a construção de um relato de viagem. É essencial, portanto, o aluno ter contato com uma coletânea de textos que o ajude na construção do seu relato, não somente em termos de tema, mas também em termos de estrutura. A Carta de Pero Vaz de Caminha, os diários de bordos, as crônicas dos viajantes e os tratados são bons exemplos de textos que denotam o olhar do viajante sobre os locais pelos quais passou, assim como textos atuais como o do navegador Amyr Klink. Seria interessante destacar para o aluno que a principal finalidade do relato é apresentar uma sequência de acontecimentos e que o segmento descritivo aparece como expansão dos fatos narrados.

Na avaliação dos relatos, é importante verificar se o texto do aluno apresenta as principais características que definem a sequência textual do gênero proposto: a narração de ações e a descrição propriamente dita. Alguns elementos próprios desse texto podem auxiliar na verificação, por exemplo: o predomínio ora de verbos ação, usados no pretérito, ora de verbos de estado (“ser”, “estar”, “parecer”, “ficar”, “continuar”); a ênfase na adjetivação; o emprego de comparações, sinestésias, metáforas; as expressões sensoriais de cunho gustativo, olfativo, tátil, auditivo, visual, que denotam gostos, cheiros, cores, formas, sons etc. Tais recursos são responsáveis por oferecer ao leitor/ouvinte uma visualização viva e detalhada do cenário..

Além de verificar se o aluno, em sua produção textual, segue a norma culta, é importante estimulá-lo a ver a criação de um texto como um reflexo das mesmas habilidades das quais ele se utiliza para fazer a leitura. Sendo assim, o aluno deve estar ciente de que há um contexto de produção, um interlocutor, um agente de produção, recursos linguísticos e um gênero discursivo envolvidos no processo leitura-escrita.

Para finalizar a avaliação da produção textual, seria interessante fazer o aluno perceber que seu texto pode ter maior elaboração estética, com a presença, por exemplo, de recursos prosódicos e de figuras de linguagem; em seu texto, enfim, pode predominar a função poética da linguagem, explicitando seu estilo e sua autonomia.